

CONSELHO GERAL

Nomeações e Comissões

Nos primeiros dias de julho começou a funcionar, em Roma, a Equipe Internacional de Irmãos Hoje, formada pelos Irmãos Hipólito Pérez (América Central); James Pinheiro (Brasil Centro-Norte); Daniel O'Riordan (EUA); Juan Carlos Fuertes (Mediterrânea); Norbert Mwila (África Austral); Albert Nzabonaliba (África Centro-Leste); Saul Placious (Ásia do Sul); Peter Rodney (MAPAC); Jean Marie Batick (Melanésia); Tony León (Austrália). Sua finalidade é de apoiar, com uma reunião anual, o Secretariado Irmãos Hoje, especialmente nas áreas da pastoral vocacional e da formação inicial.

Outras duas comissões internacionais foram nomeadas, para dar resposta a dois mandatos capitulares:

* a primeira, para elaborar um plano de autonomia econômica das UA, formada pelos Irs. Víctor Preciado (Ecônomo geral), coordenador; Mario Meuti (FMSI); Francisco Baeza (África Centro-Leste); Jude Pieterse (África Austral); Mervyn Perera (Ásia do Sul); Robert Teoh (Ásia do Leste); Tata Oliver (África Ocidental); John Bwanali (MIC, África Austral); Jean-Thomas Randrianantenaina (Madagascar); Celestin Okoye (Nigéria); Sr. Marco Cândido (Brasil



Centro-Sul);

* a segunda, para pôr em marcha e acompanhar o processo de revisão das Constituições, formada pelos Irs. Nicholas Fernando (Ásia do Sul), Diogène Musine (África Centro-Leste), John Hazelman (Nova Zelândia), Patrick McNamara (EUA), Devis Fischer (Rio Grande do Sul), Juan Ignacio Fuentes (Cruz del Sur) e Antonio Leal (Compostela). Coordenarão a comissão os Irs. Emili Turú, Joseph Mckee e Antonio Leal.

Nomeações a serviço da Administração geral:

- Ir. César Rojas (Norandina), Diretor do Secretariado Irmãos hoje, para um segundo triênio;

- Ir. Javier Espinosa (América Central), Diretor do Secretariado de Leigos, para um segundo triênio;

- Codiretores do Secretariado de Leigos: Sr. Tony Clarke (Austrália), para um segundo triênio, e Sr. Josep Buetas (L'Hermitage);

- Ir. Joarês Pinheiro, Diretor adjunto dos programas de formação permanente em língua espanhola e portuguesa;

- FMSI-Genebra: Irmãos Manuel Mendoza (L'Hermitage)

e Vicente Falchetto (Brasil Centro-Norte), para um segundo triênio; Ir. Evaristus Kasambwe (África Austral), que vai incorporar-se a esse serviço no próximo mês de outubro;

- A partir do mês de janeiro 2014 o Ir. Colin Chalmers (Europa Centro-Oeste) vai iniciar como Arquivista geral. Até então, o Ir. Juan Moral continuará assumindo essa função.

"FELIZES OS QUE CRERAM SEM TER VISTO"

Peripécias da Mesa de La Valla

Nesta tarde, depois de Jantar, peguei o carro para ir a Valfleury, um povoado distante 20 km de l'Hermitage, do outro lado do vale do Gier, em direção oposta a La Valla. Ali, num lugar idílico, vive e trabalha Jean-François Telley, o carpinteiro ebanista que nestes dias está restaurando a Mesa de La Valla, que retirou de l'Hermitage no dia de Pentecostes.

Dirijo com prazer, na quietude do entardecer e hipnotizado pela paisagem. De repente, me dou conta que estou meditando sobre o risco de converter La Valla, e sua mesa, num santuário idolátrico de Champagnat, substituindo Jesus de Nazaré. É assim mesmo? pergunto-me em voz alta. É um risco... Mas, não! La Valla é um lugar ecumênico que ensina, guia, edifica e santifica. Ali estava Jesus Cristo, pedra angular da pequena comunidade nascida em 1817... Ali espera os apóstolos de hoje, que vivem o mesmo mistério de amor. Uma Igreja, marista, nascida para evangelizar, enquanto o espírito comunicava e comunica hoje a multiplicidade de seus dons aos pequenos apóstolos que se reuniam e se reunirão naquela casa... ao redor da Mesa.

Jean-François chamou-me, faz alguns dias: "Joan, restaurei uns 90% da mesa. É preciso que você venha para me dar sua opinião". De acordo! Irei na próxima quarta-feira, respondi. "Chegarei tarde. Dou aula de escultura em Saint Etienne. Em torno de nove horas e meia". Espero-o no jardim de sua casa, provando um verre com sua esposa, Anne-Marie, com quem tenho boa amizade. Foi ela que desenhou e pintou os quadros murais dos oratórios de l'Hermitage, no ano passado.

A Mesa nos aguarda na oficina de traba-



lho. A espera torna-se agradável com o fundo musical de Bach. Jesus bleibet, a Cantata 147, que maravilha!... A voz humana misturada com o piar das cotovias, que originalidade! Falamos de pintura, de seu modo de expressão artística. Anne-Marie, que também leciona, emprega um linguajar com notório acento simbólico. Como eu, em algumas de minhas obras de arquitetura. De repente, senta-se conosco o amigo Lluís Duch, monge beneditino do Santuário de Montserrat (coração espiritual da Catalunha): O símbolo é um meio para projetar-nos além da evidência. Não se impõe. Sendo equívoco, é aberto! Permite que cada qual o interprete, o traduza, o atualize agora e aqui, segundo sua situação e seu momento vital.

Lluís, formidável amigo! Tua erudição me acompanha, faz muito tempo, e hoje retornaste com força, na velada de Valfleury, em momento muito oportuno. Que libertação! La Valla, a partir deste ponto de vista, será uma experiência revitaliza-

dora para todos. Não será, em absoluto, algo fechado, pietista, dogmático.

A Mesa, a nossa mesa. O objeto icônico que por suas aparências torna presente 'ao' que está ausente.

Por isso, recomendei a Jean-François que sua restauração deveria respeitar todas, absolutamente, todas as feridas e mutilações da história.

Em absoluto promover-lhe uma reconstrução. Vendo a mesa, devemos "ver" os primeiros Irmãos e encontrar-nos com o milagre de Amor que aconteceu entre aquelas paredes. Reproduzir esse cenário para que o então acontecido se atualize, hoje, em nosso interior. Sugestão? Não, simplesmente ativar toda nossa capacidade de compreensão simbólica para além da pura razão.

Estou ansioso para ver seu trabalho. Jean-François vive sua plena maturidade vital e criativa. No ano passado recebeu

o prêmio de Melhor Escultor, ou artista, da França, em sua especialidade, o trabalho em madeira. Foi um presente que a Providência colocou em nosso caminho. Seus trabalhos são excepcionais.

Desde o início de 2009, estabeleceu-se entre nós uma conexão de empatia que permitiu compreender-nos na linguagem comum da sensibilidade e em sua expressão artística. Ele restaurou, até hoje, toda a mobília antiga de l'Hermitage: a "Chambre Champagnat" (cama, cadeira de braços, reclinatório); o gabinete de trabalho (sua Mesa de trabalho, a Cadeira confessional); o Altar do século XVIII; o primeiro Altar da "Chapelle du Bois" (incluindo um antigo arcaz do século XVIII). Agora está com a Mesa de La Valla. O grande móvel o espera – "Le trésor de l'Hermitage" – um móvel com grandes gavetões na parte inferior e uma vitrina superior, de exposição; é um móvel que Champagnat recebeu em vida, no ano de 1838. E o Confessionário... e...

O ruído do motor de um veículo nos adverte de sua chegada. "Bonsoir!" Saudamo-nos com carinho, enquanto trocamos um olhar pleno de cumplicidade. Sem mais palavras e com a emoção contida nos dirigimos a sua sala de trabalho. Não me deixa entrar. Deseja preparar o cenário! Vejo-o agarrar duas lâmpadas porque a noite caiu e a obscuridade é completa. "Vas-y" (entre!) me diz, abrindo a porta de vidro. Ali, no

centro, está minha velha e querida mesa. Sinto um ligeiro tremor que dissimulo, pois, imagino que me observa discretamente. Almas criadoras, conhecemos muito bem esse momento excepcional e único: o instante em que você abre seu coração, seu trabalho, sua arte, ao olhar perscrutador de um colega ou do público em geral, enquanto, no peito, sente pulsar forte o coração, e o sangue gela nas veias. Esse instante em que qualquer contração, qualquer sinal é captado, amplificado e convertido em motivo íntimo da mais dolorosa frustração, ou de entusiasmo transbordante.

"Elle me plaît! Superbe!", (Gostei! Magnífico!) digo-lhe com sinceridade, enquanto rompo o silêncio e esboço um sorriso. "Merci, Joan!" responde ele. Com certeza, o trabalho está excelente. Aparentemente, parece não ter feito nada. No entanto, rompendo o silêncio, começa sua explicação, profissional e detalhada.

Jean-François, cidadão francês de ascendência suíça, fala e se expressa muito bem. Explica e mostra como integrou e ocultou, nas entranhas da mesa, uma estrutura de aço maciço, "pour les siècles des siècles" – me diz ele. Amém! – respondendo eu.

Toda madeira carcomida foi substituída por madeira de carvalho, revestida por

finas lâminas de madeira velha, recuperada dos antigos pranchões – que conservei, por sorte – do assoalho do quarto do Padre Champagnat, em l'Hermitage.

As gavetas, todas elas, estão reparadas. E substituiu aquela que fora roubada, faz uns anos. Irreconhecível. Ah! E todas as feridas, cortes, entalhes e furos, tudo isso respeitado. "Jean-François, parabéns; de você não esperava menos!" – "Obrigado, pela confiança de todos vocês", respondeu.

Depois da visita, brindamos na intimidade. Um gole apenas, pois devo dirigir. Despeço-me com as badaladas da meia-noite. Caramba! Em l'Hermitage, todos devem dormir, faz um bom tempo. Uma grande lua, avermelhada e misteriosa, se levanta no horizonte de La Valla, do outro lado do vale escondido na obscuridade.

Penso novamente na força do símbolo, enquanto dirijo. Em La Valla, haverá quem vai ver velhas madeiras, pedras deterioradas ou, até, um exercício ariscado de arquitetura moderna. Outros, no entanto, poderão ler abertamente, nos símbolos, uma mensagem a convidá-los a olhar mais além e perceber corretas as sábias palavras de João: "Felizes os que creram sem ter visto" (Jo 20,29).

Joan Puig-Pey, arquiteto



MARISTAS AZUIS DA SÍRIA

Carta N° 12 de Alepo – 17 de julho de 2013

A migos estrangeiros perguntam-nos: Onde estamos há dois anos e meio do começo dos acontecimentos na Síria, e exatamente um ano depois do começo da guerra em Alepo?

Em nível nacional, nada mudou; as duas partes continuam a afrontar-se

sem vencedor nem vencido, com um balanço de 100.000 mortos, um milhão de refugiados nos países vizinhos, 2 a 3 milhões de refugiados internos, centenas de milhares de emigrantes, a economia arruinada, tensões religiosas e extremismos florescentes, e nenhum raio de esperança sobre a possibilidade de fim para o conflito. Após a

retomada de Quossair (pequena cidade do centro da Síria) pela armada síria e a derrota dos rebeldes, os líderes do mundo ocidental declararam que a queda de Quossair mostra que o equilíbrio das forças favoreceu o lado governamental e que será preciso armar os rebeldes para restabelecer o equilíbrio!! Belo programa: não se

procura vencer, não se aceita a derrota, procura-se restabelecer o equilíbrio para que as duas partes continuem o combate... até o último cidadão sírio?

Em Aleppo, a situação militar continua no status quo; a última batalha ocorreu, há 100 dias, com a tomada do quarteirão Cheikh Maksoud (Djabal Al Sayde) pelos rebeldes. Desde então, não há combates, mas bombardeios de um lado e d'outro.

Mas, a situação humanitária está catastrófica, com dois fatos importantes:

1. O bloqueio de Aleppo* dura, agora, 15 dias; bloqueio de pessoas, ninguém pode sair da cidade para ir alhures, para outras cidades sírias ou para viajar ao exterior. Bloqueio de mercadorias, nada pode entrar em Aleppo. Não há mais legumes, frutas, leite, queijo, carne, frango ou peixe; não há gasolina, óleo combustível, gás (para a cozinha) e pouquíssimo pão. Sobram apenas mercadorias não perecíveis como o arroz, o 'bourghol', as lentilhas, conservas em lata... mas a preços astronômicos, inacessíveis para a maioria.

(...)
2. Os golpes de morteiro: Todos os dias, caem artefatos de morteiro sobre os quarteirões habitados, sobretudo, por cristãos. De fabricação artesanal, atirados por rebeldes, deixam sempre alguns mortos e dezenas de feridos, às vezes, gravemente. Na semana passada, um jovem de 14 anos, escoteiro do grupo dos Irmãos Maristas, morreu atingido por uma granada na cabeça, quando estava em sua casa (...).

Nesse contexto de violência, de privações, desolação, sofrimento e desespero, continuamos, nós os Maristas Azuis, mediante nossa presença, nossa resistência, nosso acompanhamento, nossa ajuda e solidariedade a ser, para o povo, uma lampejo de esperança, em meio às trevas que nos envolvem.

(...)
Como antes, os refugiados têm sempre seu lugar junto a nós, os Maristas Azuis. Vinte e três famílias cristãs refugiadas (nossa capacidade máxima de acolhida) de

'Djabal Al Sayde' estão alojadas na casa dos Irmãos; recebem tudo: comida, roupa, alojamento, cuidados médicos, acompanhamento psicológico, etc.

As outras famílias de Djabal vêm, com frequência, pedir ajuda, algum conselho, remédios, roupas ou para fazer uma visita. As famílias muçulmanas deslocadas das escolas de 'Cheikh Maksoud' vêm todas as segundas-feiras para receber uma cesta básica.

Continuamos a acolher 20 moças muçulmanas universitárias (antes, tínhamos moças que vinham prestar o exame oficial de conclusão do ensino médio) que moram em zonas ocupadas pelos rebeldes e estão na cidade para fazer seus exames.

(...)
"Aprender a crescer" (Apprendre à grandir) para os pequenos de 4 a 7 anos, com suas 8 monitoras, continua a trazer alegria para uma quarentena de crianças.

A "Skills School" (atividades para desenvolver capacidades e habilidades para adolescentes) garante a felicidade de 30 rapazes e moças. E finalmente, "Tawassol" destina-se a dois grupos de seis adultos cada um, para ensinar-lhes a informática, uma língua estrangeira e pedagogia.

Nossos espaços estão cheios de vida: os refugiados que ali se hospedam ou vêm em visita, os que solicitam ajuda, as crianças do "Aprender a crescer", os jovens do "Skills School", os adultos do "Tawassol", às vezes os escoteiros da tropa Champagnat e os doentes que vêm para consultas no posto médico, aberto todas as tardes; isso com o fundo (pouco musical) do troar do canhão e as balas que assobiam. Sem esquecer o caminhão-pipa que entra no centro do pátio para encher,

todos os dias, nossos reservatórios de água; e nossa caminhonete que entra, várias vezes por dia, carregada de mercadorias e artigos (os encontráveis) comprados ou recebidos.

À noite, pelas 21h, quando a calma retorna, nos reunimos para avaliar a jornada, tomar decisões, responder correios e partilhar. E, agora, com vocês, gostaria de partilhar alguns belos gestos de solidariedade que temos vivido recentemente.

· Y.S., um jovem de 19 anos é transferido, em estado crítico, para o hospital São Luís, atingido por uma bala que lhe perfurou o pulmão, a traqueia e o pescoço. Submetido à respiração assistida, com cuidados intensivos, foi operado com urgência pelo principal especialista na área de Aleppo (que faz parte da equipe do projeto "Feridos de Guerra" e trabalha de graça, neste projeto). Seu estado melhorou, mas continuava crítico. Nessa noite, o cirurgião e o médico reanimador recusaram de ir para casa e passaram a noite no hospital para estarem presentes.

· G.Z., migrado de 'Djabal Al Sayde', sem trabalho e hospedado, com sua família de cinco pessoas, em nossa casa e comunidade, recebeu a doação de 4.000 libras sírias de sua igreja. Essa soma dá apenas para as pequenas despesas quotidianas da família. Ele quis doar-nos 1.000 LS para cooperar na compra de pão que, vertiginosamente, aumentou de preço.

Assim estamos. Procuramos resistir apesar de tudo. Resistir depois de, exatamente, um ano, 365 dias de guerra. Resistir ao pessimismo, ao cansaço, ao desânimo e ao extremismo. Como dizia nosso grande amigo Jean Debruyne: "Resistir significa não desistir jamais de espreitar o sol pela abertura de uma goteira"; ou ainda "Resistir é ser suficientemente teimoso para ver nascer o dia por trás do arame farpado".

Nabil Antaki, em nome dos Maristas Azuis

[Leia a carta, na íntegra](#)



NOTÍCIAS MARISTAS
N.º 278 – Ano VI – 29 de julho de 2013

Diretor de comunicações: Ir. Alberto Ricica	Redação e Administração: Piazzale Marcellino Champagnat, 2 C.P. 10250 – 00144 ROMA E-mail: publica@fms.it Site: www.champagnat.org
Realização: Sr. Luiz da Rosa	

Editado por:
Instituto Irmãos Maristas - Casa Geral – Roma